

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS

Boletim n.º 143

Língua e Literatura Latina n.º 1

URBANO C. SOARES

# Estudos Catulianos

I

**O Poeta Latino Caio Valério Catulo e o Romantismo Português**



**S. PAULO — BRASIL**

**1952**

Os Boletins da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo são editados pelos Departamentos e Cadeiras das suas diversas Secções.

Tôda correspondência deverá ser dirigida para o Departamento ou Cadeira respectiva da Faculdade — Caixa Postal 8.105, São Paulo, Brasil.

The "Boletins da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo" are edited by the different departments of the Faculty.

All correspondence should be addressed to the Department concerned, Caixa Postal 8.105, São Paulo, Brazil.

## UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Reitor:

**Prof. Dr. Ernesto Moraes Leme**

## FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS

Diretor:

**Prof. Dr. E. Simões de Paula**



## CADEIRA DE LINGUA E LITERATURA LATINA

Professor:

**Dr. Urbano Canuto Soares**

1.º Assistente:

**Lic. Armando Tonioli**

Assistente extranumerário:

**Lic. Alcides Jorge Costa**

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS

Boletim n.º 143

Língua e Literatura Latina n.º 1

URBANO C. SOARES

# Estudos Catulianos

I

**O Poeta Latino Caio Valério Catulo e o Romantismo Português**



S. PAULO — BRASIL

1952



ÆTERNÆ • MEMORIÆ

HERMINIÆ • SORORIS

MAGNITUDINE • ANIMI • PRÆSTANTIS

• S •



ESTUDOS CATULIANOS

I

O POETA LATINO CAIO VALÉRIO CATULO  
E O ROMANTISMO PORTUGUÊS

A época em que viveu o poeta Caio Valério Catulo é uma das mais representativas da crise do mundo antigo. Tomando o ano de 54 a.C. como data do falecimento do poeta, apenas 25 anos separam êste sucesso, do início do principado de Augusto, isto é, do Império romano tornado uma realidade histórica incontestável. Durante a vida breve e ardente dêste poeta máximo da antiguidade clássica, grandes acontecimentos históricos se desenrolaram, tais como a guerra social, as guerras contra o rei do Ponto, Mitridates Eupator, a revolta dos escravos sob a chefia de Espártaco, a conjuração de Catilina, a tomada de Jerusalém por Pompeu, a formação do primeiro triunvirato, o consulado de César e a conquista da Gália por êste grande general, acontecimentos, que lentamente prepararam uma mudança radical da *facies* do mundo, levando, pelos trilhos ínvios da História, à ditadura de Júlio César, sem nenhuma dúvida uma das personalidades mais complexas e mais prodigiosas de todos os tempos e culminando na instituição do Império de que foi beneficiário o frio, solerte e habilíssimo político Octávio, sobrinho-neto da vítima da tragédia dos Idos de Março de 44 a.C.. Um Estado, cujas modestas origens não faziam de modo nenhum prever a gigantesca grandeza futura, passa então a exercer o domínio indiscutível do mundo, realizando assim o ideal de conquista, que, pela bôca profética de Anquises, Vergílio, o cantor supremo das glórias da sua pátria, proclama em hexâmetros altissonantes, no canto 6.º da *Eneida*, o poema nacional da Itália antiga, a v.v. 851-853:

“Tu regere imperio populos, Romane, memento,  
Hæ tibi erunt artes, paciue imponere morem,  
Parcere subiectis et debellare superbos.”

“Não te esqueças, Romano, de dominar os povos. As artes, que deverás cultivar, são impor as normas da paz, ser clemente para com os povos vencidos e abater os rebeldes.”

Ideal prático que preconiza uma unificação política total e que, no 5.º século da nossa era, o mais ilustre dos poetas cristãos latinos, Aurélio Prudêncio Clemente, em versos admiráveis, (1) declarava integralmente realizado pelo talento civilizador dos Romanos.

“Deus undique gentes  
Inclinare caput docuit sub legibus iisdem,  
Romanosque omnes fieri, quos Rhenus et Ister,  
Quos Tagus aurifluus, quos magnus inundat Iberus. . .  
Ius fecit commune pares et nomine eodem  
Nexuit et domitos fraterna in vincla redegit.”

“Deus ensinou tôdas as nações do mundo a curvarem a cabeça sob as mesmas leis e a tornarem-se romanos todos os países, que o Reno, o Danúbio, o Tejo, que carrega ouro e o grande Ebro banham. . . Organizou um direito comum, igualou os homens sob um mesmo nome e prendeu os vencidos com liames fraternos.”

É neste momento histórico de singular relêvo em que um mundo novo ia surgir, mundo que corporizaria as aspirações da grei romana, transmutando-as em realidades concretas, é neste final tão convulsivo e agitado da República romana que nasce, ama, sofre e alfin desaparece da cena da vida uma das organizações poéticas mais poderosas e originais, que ainda surgiram em qualquer literatura, Caio Valério Catulo. Nasceu, ao que supomos, no ano de 84 a.C., não em Roma, centro refulgente da civilização antiga, mas em Verona, colônia da Gália cisalpina, ainda não inteiramente romanizada, de que ainda hoje subsistem ruínas grandiosas, de época posterior — o teatro romano do tempo de Augusto e o vasto anfiteatro, todo de mármore, do 1.º século da nossa era, que comportava 25000 espectadores e era o maior da Itália depois do Coliseu. Pertencia, como prova o seu nome gentilício *Valerius* à importante *gens* Valéria cujas heráldicas tradições de nobreza são memoradas em Plínio, ao descrever uma variedade de águia negra, que em latim se chama *valeria*, por causa do seu vigor físico, ave simbólica dêsse poderoso *clan*. É curioso notar-se que de facto aparece representada uma sereia com corpo de águia numa moeda dum Lúcio Valério, personagem inteiramente desconhecido.

Do pai do poeta sabemos apenas que era homem abastado, que, além da casa em Verona em que recebia Júlio César quando procônsul da Gália, possuía em Sírmio no lago di Garda uma pro-

---

(1) *Contra Symmachum* — v. v. 602-609, l. II, com redução do texto original na transcrição.

priedade à qual o poeta em versos encantadores se refere com desvanecedor entusiasmo como lugar de peregrinação e de repouso, após fadigosos erros pelos intermináveis caminhos do mundo.

“Pæne insularum, Sirmio, insularumque  
Ocelle, quascumque in liquentibus stagnis  
Marique vasto fert uterque Neptunus,  
Quam te libenter quamque lætus invisio,  
Vix mi ipse credens Thuniam atque Bithunos  
Liquisse campos et videre te in tuto.  
O quid solutis est beatius curis,  
Cum mens onus reponit ac peregrino  
Labore fessi venimus larem ad nostrum  
Desideratoque acquiescimus lecto.”

“Sirmio, flor de quantas penínsulas e ilhas, nos límpidos lagos e no vasto mar se elevam sôbre um e outro Neptuno, com que prazer, com que alegria te revejo, custando-me a convencer que já deixei a Tínia e os campos bitínios e que cheguei são e salvo para te ver. Ah! Que maior felicidade haverá do que libertar-se a gente das preocupações, quando a alma depõe o fardo e exaustos da fadiga das viagens voltamos ao nosso lar e repousamos no leito ambicionado.”

A sua infância feliz, isenta de cuidados, teve como cenário esta natureza majestosa da Alta Itália, que impressionou profunda e proficuamente a sensibilidade do Artista.

No hino a Diana êle se refere às montanhas, às florestas virentes, aos bosques cheios de mistério, às torrentes sonoras, isto é, a tôda a paisagem da terra sagrada da Itália na qual reina a deusa, que “enche de ricas messes os tectos rústicos do lavrador.”

“Rustica agricolæ bonis  
Tecta frugibus explens”

esta Itália, que no canto 2.º das “Georgicas” Vergílio saüda como a terra de Saturno, fértil em messes, rica em heróis — “magna parens frugum, Saturnia tellus, magna virum.”

É em Verona que certamente se iniciou, como era da praxe para todo o romano de boa família, no conhecimento da língua grega e da sua rica literatura poética.

Adolescente já, sentiu, como era natural, a atracção de Roma, das suas seduções mundanas e dos prazeres intelectuais, que o convívio com os melhores espíritos da grande cidade lhe iria proporcionar. Para lá encaminha os seus passos e é em Roma que a sua mocidade estuante, pletórica de seiva criadora brilha fúlgidamente,

deslumbrando os contemporâneos, criando amizades duradouras e também inimigos irreductíveis. É em Roma que êle se relaciona com os literatos da Gália Cisalpina que aí residiam, tais Cornélio Nepos a quem consagra uma colectânea das suas líricas, Quintílio Varo de Cremona e o poeta e gramático Valério Catão e depois, alargando sempre o âmbito das suas amizades, com a *jeunesse dorée* da grande cidade, com poetas então em voga como Hélivio Cina e Licínio Calvo, que era cumulativamente grande orador.

É em Roma que conheceu tôda a galeria das celebridades da época, tal o grande orador Marco Túlio Cícero a quem se refere irònicamente, por motivos que mais adiante indicaremos, taxando-o de “o mais diserto dos netos de Rómulo, existentes, que já existiram ou que hão-de-vir a existir nos anos futuros”

Disertissime Romuli nepotum,  
Quot sunt quotque fuere, Marce Tulli,  
Quotque post aliis erunt in annis

É em Roma que, por motivos que ignoramos, dirigiu ataques tremebundos em versos contundentes como espadas contra Júlio César. “Generalíssimo sem par, Rómulo às avessas, impudico, voraz e jogador” — “imperator unice, Romule cinæde, impudicus, vorax, aleo” — tais são os epítetos cheios de fel com que mimoseia o grande contemporâneo com quem aliás veio a reconciliar-se, sentando-se à sua mesa no dia mesmo da reconciliação, segundo nos informa o historiador Suetónio.

É em Roma que com o seu temperamento vibrátil de meridional ardente mergulhou na vasa dos amores impuros e é ainda em Roma que viveu o seu pungente romance de amor, porque o Destino lhe reservava bem duras provações, fazendo-lhe sentir impiedosamente o travo amargo da desilusão, depois de lhe haver ateadado no peito generoso as labaredas duma paixão alucinante.

Como nenhum outro poeta da Antiguidade, êle conheceu “êste inferno de amar, como eu amo”, de que, numa poesia justamente célebre, nos fala o nosso Almeida Garrett, o poeta insigne, que à sua imagem e semelhança conheceu todos os enlevos e tôdas as angústias do amor vivido.

Êste inferno de amar — como eu amo!  
Quem mo pôs aqui nalma . . . quem foi?  
Esta chama que alenta e consome,  
Que é a vida — e que a vida destroi  
Como é que se veio a atear,  
Quando — ai quando se ha-de-ela apagar?

Seguindo, já se vê, *avant la lettre* o preceito goethiano — “Se a tua dor te atormenta, faz dela um poema” —, Catulo soube plasmar a dor imensa do seu coração ulcerado, em versos imortais, duma inspiração sem igual cuja eterna beleza o tempo não amortece.

É em Roma que recebeu o *coup de foudre*, ao conhecer a sua Musa inspiradora, a mulher fatal, que iria decidir de toda a sua vida, aquela que êle immortalizou sob o criptónimo de *Lésbia*, criptónimo, que evoca o nome célebre da maior poetisa da Antiguidade, Safo de Mitilene, a maravilhosa cantora de Afrodite “de trono refulgente” e das Graças “de róseos braços, filhas de Zeus”, modelo literário ideal, que nos alvares da sua impetuosa mocidade havia seduzido o Poeta, o qual traduziu aquela ode famosa cujos versos admiráveis, como diz Alfredo Croiset, ficaram como o tipo eterno do amor violento e profundo, que se apodera de toda a existência, que a disseca até às mais íntimas fibras e que se torna como que uma tortura física, versos, que na transposição latina constituem um belo espécime da estrofe denominada sáfica:

Ille mi par esse deo videtur  
Ille, si fas est, superare divos,  
Qui sedens adversus identidem, te  
Spectat et audit

Dulce ridentem, misero quod omnis  
Eripit sensus mihi: nam simul te,  
Lesbia, aspexi, nihil est super mi  
*Vocis in ore*

Lingua sed torpet, tenuis sub artus  
Flamma demanat, sonitu suopte  
Tintinant aures, gemina teguntur  
Lumina nocte.

“Parece-me ser igual a um deus, parece-me, se é possível, exceder os deuses aquêle, que, sentado em face de ti, tantíssimas vezes te contempla e te ouve a ti que docemente sorris, felicidade, que me privou a mim infeliz do uso dos sentidos. A verdade é que, mal te vi, Lésbia, a minha voz expirou na bôca, a língua paralizou-se-me, uma chama subtil se me infiltrou no corpo, zumbiram-me os ouvidos e os meus olhos cobriram-se das sombras da noite.”

Quais as razões por que o nosso poeta ocultou sob um nome de fantasia o verdadeiro nome da sua amada, criando assim uma tradição, que foi seguida por Propércio, que chama *Cíntia* à sua inspiradora Hóstia e por Tibulo, que celebrizou Plânia sob o pseudónimo de *Délia*? Certo que as conveniências mandavam impera-

tivamente que o verdadeiro nome dessa dama romana de ilustre família ficasse sempre na penumbra das alusões veladas. *Lésbia* era um disfarce galante, que envolvia um cumprimento dirigido à mulher dos seus sonhos, a qual entre outros talentos de sociedade possuía o de cultivar as Musas. A *Lésbia* de Catulo era nem mais nem menos que Clódia, da mais poderosa *gens* romana, a *gens Claudia*, a descendente directa do famoso Ápio Cláudio Ceco, o construtor da via Ápia e que dentro da história literária de Roma se pode na ordem cronológica considerar como o primeiro polígrafo latino. Era senhora da aristocracia, que ocupava lugar de destaque na sociedade de Roma, não só pelos privilégios do nascimento, senão que também pelo seu casamento com um romano de velha tèmpera, Q. Cecilio Metelo Célere, cônsul no ano de 60 a.C.

A sociedade dos fins do regime republicano já nada tinha de comum com os tempos patriarcais e felizes em que as virtudes heróicas duma raça de gigantes foram o pedestal dum grande Império — sem dúvida, como diz Meillet, do primeiro império inteiramente organizado que o mundo indo-europeu ainda conhecera. Profundas transformações se tinham operado na estrutura social e o afluxo do ouro, resultante da conquista de países, que possuíam fabulosas riquezas e estavam num estádio muito avançado de civilização, trouxe como conseqüência inevitável a corrupção dos costumes, o entibiamiento do carácter, a degenerescência moral de instituições sagradas como a família. Quatro séculos antes, em Atenas, o génio supremo de Sófocles tinha na tragédia *Antígona*, v.v. 295-301 verberado com os estos da indignação o poder corruptor do vil metal:

Οὐδὲν γὰρ ἀνθρώποισιν οἶον ἄργυρος  
κακὸν νόμισμ' ἔβλαυτε, Τοῦτο καὶ πόλεις  
πορθεῖ, τόδ' ἄνδρας ἐξάνιστησιν δόμων·  
τόδ' ἐκδιδάσκει καὶ παραλλάσσει φρένας  
χρηστὰς πρὸς αἰσχρὰ πράγμαθ' ἴστασθαι βροτῶν·  
πανουργίας δ' ἔδειξεν ἀνθρώποις ἔχειν  
καὶ παντὸς ἔργου δυσσέβειαν εἰδέναι.

“Entre os homens jàmais se criou uma instituição tão funesta como o dinheiro. Èle é que destrói as cidades, èle é que expulsa os homens das suas casas. Èle instrui os corações honestos dos mortais, induzindo-os à prática de acções vergonhosas e aos humanos ensinou tôdas as infâmias e sugeriu tôdas as impiedades.”

Esta lição da sabedoria antiga não aproveitara, em especial, à alta sociedade romana, culta e ledora dos primores literários da Hèlade.

A família, célula-mater do Estado, estava então muito combalida e a mulher romana já não corporificava as virtudes excelsas do sexo, sintetizadas admiravelmente nas três sentenças, que constituíam o elogio máximo da velha *mater familias* — *lanam fecit, domum servavit, casta vixit*. — “fiou a lã, governou a casa, viveu casta.” Até à época de que nos ocupamos, as leis romanas, como a lei Oppia, visavam a submeter a mulher à autoridade do marido, porque, como temia o velho Catão, no dia em que concedessem às mulheres direitos idênticos aos dos homens, elas seriam não iguais, mas superiores aos seus antigos dominadores. Uma mutação brusca de cenário se opera então pela abolição de normas jurídicas, que à *la longue* foram caducando e o Estado romano torna-se um quasi govêrno de mulheres, uma ginococracia. “O que succedeu à sociedade romana desta época, como diz G. Boissier na sua obra *Cicéron et ses amis*, e todos êstes desregramentos que se notam então na conduta das mulheres explicam-se em parte pela atracção e pela embriaguês da liberdade nova. As que amam o dinheiro, como Terência, a mulher de Cícero, apressando-se a gozar do direito que lhes concederam de dispor da fortuna própria, associam-se para lucros problemáticos, com libertos e homens de negócios, roubam sem escrúpulo os maridos e lançam-se nas especulações e nas veniagens em que revelam, com um instinto inaudito de rapacidade, êste gôsto de sovinice e de mesquinha economia que lhes é natural. As que preferem o prazer à fortuna dão-se a todos os prazeres com um ardor violento. As menos ousadas aproveitam-se da facilidade do divórcio, para passarem dum amor a outro sob a capa da lei. As outras nem mesmo esta precaução tomam e estadeiam despudoradamente os seus escândalos”. E a seguir traça um retrato moral, bem nítido de Clódia, que pertencia a esta última categoria. Possuía no entanto algumas virtudes e tinha talentos. Era generosa, a ponto de auxiliar pecuniariamente amantes eventualmente em apuros financeiros, como Marco Célio Rufo. Dansava admiravelmente e compunha versos. Tinha um salão onde reünia as celebridades da época — Cornifício, Quintílio Varo, Hêlvio Cina, o autor da *Zmirna*, que levava nove anos a compor, o jôvem Asínio Polião, e Licínio Calvo. Era uma sociedade imbuida de republicanismo, que lançava epigramas contra César. Êste flagrante retrato apoia-se em fontes históricas insuspeitas e podemos consequentemente tê-lo por verídico. Acrescente-se a tudo isto uma beleza física perturbadora, que para Catulo na febre da paixão que o queimava era o ideal da suprema perfeição:

“Lesbia formosa est, quæ cum pulcerrima tota est,  
Tum omnibus una omnis subripuit veneres.”

“Lésbia é bela, não só porque tôda ela é a própria perfeição, mas ainda porque a tôdas as mulheres arrebatou tôdas as graças.”

Tal era a Circe encantadora, que fêz consumir o poeta nas chamas dum amor vulcânico.

Há em tôda a obra lírica de Catulo um acento de verdade, de realidade humana, que empresta interêsse eterno às confissões, que nos faz sôbre o seu romance de amor. E êste amor, que soube com sublime simplicidade traduzir em versos duma limpidez, duma fluência e duma prodigiosa intensidade de sentimento, bem longe está do amor platônico, do amor que idealiza e transfigura o objecto amado, tal o que inspirou um Petrarca, um Camões ou um João de Deus. É sim o amor erótico, o amor sentido, o amor vivido, aquêlê que rasga e dilacera a alma e que tantas vezes se polariza na expressão do sentimento oposto — o ódio. — O princípio e o fim, o *alfa* e o *ômega* da paixão candente, que esbraseou Catulo, estão indelêvelmente impressos na poesia *Vivamus, mea Lesbia, atque amemus*, a sinfonia dos beijos, como usa galantemente chamar-se-lhe, de que há uma interpretação portugûesa medíocre, diga-se desde já, de António Aires de Gouveia, à qual nos referiremos no curso dêste trabalho e a poesia — *Miser Catulle, desinas ineptire*, em que a ruptura é definitiva, após as peripécias já previstas dos ciúmes, dos juramentos pérfidos, do ódio esvurmado contra os rivais, que ocupam o coração pródigo da sua deidade e das injúrias em que se sente palpitar o desejo veemente de reconciliação. Eis essa poesia, que se pode considerar a marcha fúnebre dum grande amor:

Miser Catulle, desinas ineptire,  
Et quod vides perisse perditum ducas.  
Fulsere quondam candidi tibi soles,  
Cum ventitabas quo puella ducebat  
Amata nobis quantum amabitur nulla.  
Ibi illa multa tum iocosa fiebant,  
Quæ tu volebas nec puella nolebat.  
Fulsere vere candidi tibi soles.  
Nunc iam illa non volt; tu quoque, inpotens, *noli*  
Nec quæ fugit sectare, nec miser vive,  
Sed obstinata mente perfer, obdura.  
Vale, puella. Iam Catullus obdurat,  
Nec te requiret nec rogabit invitam;  
At tu dolebis, cum rogaberis nulla.  
Scelesta, væ te! quæ tibi manet vita!  
Quis nunc te adibit? cui videberis bella?  
Quem nunc amabis? cuius esse diceris?  
Quem basiabis? cui labella mordebis?  
At tu, Catulle, destinatus obdura.

“Deixa-te de insânias, ó infeliz Catulo, e considera definitivamente perdido aquilo que vês que foi perdido. Outrora, quando eras irresistivelmente atraído por uma jóvem de nós amada como nenhuma outra jâmais o será, para ti brilharam dias refulgentes. Então, como a vida era um sonho encantador! Tudo quanto desejava, a tua amada também o desejava. Na verdade, par ti brilharam dias esplendorosos. Agora ela já não quer e tu também, coração pusilânime, deixa de querer. Não a persigas a ela que te foge e não continues a viver mal-aventurado, suporta de ânimo forte as injúrias do destino e mantem-te firme na tua resolução. Adeus, mulher. De hoje para o futuro Catulo não mudará; não mais te procurará; não mais te dirigirá as súplicas que tu não ouvirias. Ah! Mas tu hás de chorar, quando ninguém mais te dirigir nenhuma súplica apaixonada. Maldição para ti, desgraçada! Que vida vai ser a tua? Que homem agora te procurará? Quem te achará bela? Quem será o teu futuro amante? Por quem te dirás conquistada? Para quem os teus beijos? A quem morderás os lábios? Tu, Catulo, coragem! firmeza! Mantem-te irreduzível!”

Mas sob a cinza do amor extinto ainda crepita a amarga doçura das recordações do tempo que foi feliz, como se vê nesta prece aos deuses para que libertem o poeta do terrível tormento, que é a evocação do passado:

Faculdade de Filosofia  
Ciências e Letras  
Biblioteca Central

O dei, si vestrum est misereri, aut si quibus umquam  
Extremam iam ipsa in morte tulistis opem,  
Me miserum aspicate et, si vitam puriter egi,  
Eripite hanc pestem perniciemque mihi,  
Quæ mihi subrepens imos ut torpor in artus  
Expulit ex omni pectore lætities.  
Non iam illud quæro, contra ut me diligat illa,  
Aut, quod non potis est, esse pudica velit;  
Ipse valere opto et tætrum hunc deponere morbum.  
O dei, reddite mi hoc pro pietate mea.

“Ó deuses, se é vosso privilégio o serdes misericordiosos, ou se os infelizes, em transes mortais, de vós receberam um supremo auxílio, contemplai a minha desventura e, se a minha vida foi sem mácula, arrancai-me esta peste, êste pavor, que, insinuando-se, como uma letargia, no íntimo do meu ser, arrebatou tôda a alegria do meu coração. Já não peço mais que esta mulher me ame ou, o que é impossível, que queira ser pudica. Eu, eu desejo curar-me e libertar-me dêste sombrio mal. Deuses, concedei-me esta suprema graça, em prêmio da minha fervorosa devoção.”

O ódio vem definitivamente cortar todos os laços que o prendem ao passado. Esse o estado de alma que se entrevê na poesia em que Lésbia é apresentada na suprema abjecção moral, correndo aventuras nocturnas nos becos e encruzilhadas de Roma, tal como um século depois, Messalina, a “imperial rameira”, *meretrix Augusta*, na expressão cruenta do satírico Juvenal, costumava fazer, saindo furtivamente da *domus aurea*, disfarçada, usando um nome de guerra, para dar largas ao feroso temperamento de Vénus de viela e regressando de madrugada ao palácio imperial, *lassata viris, necdum satiata*.

Após a ruptura, saiu de Roma, talvez para esquecer e assim alcançar a paz interior que lhe era necessária; aproveitando o ensejo da partida de Caio Mémio, orador, poeta e magistrado de grande projecção social, como propretor da Bitínia, resolveu seguir como membro da casa civil do novo propretor, para esse país do Oriente, onde se demorou somente um ano, tendo voltado para a Itália, depois de haver visitado em Troia o túmulo dum irmão.

Nada se sabe dos últimos anos da sua vida. Uma doença consuntiva, possivelmente uma tuberculose pulmonar, veio pôr termo à existência tão agitada, que havia sido dominada por um grande amor desventurado dêste Alfredo de Musset da Antiguidade.

\*  
\*       \*  
\*

Catulo pertenceu a uma corrente literária de inovadores cujo cânone fundamental era a imitação dos poetas alexandrinos, que praticavam em escala exagerada o virtuosismo da forma, por já se não repetir o *milagre da Grécia* em território egípcio.

Como nota Jahn, “a obra poética alexandrinista devia refletir a cultura científica do autor; a língua devia ser elegante e selecta, com expresões rebuscadas. O assunto devia ser novo e, na medida do possível, extraído de lendas e tradições pouco conhecidas e a maneira de tratar o tema poético, devia ter por principal escôpo algo de imprevisto, de original, de extraordinário, que desconcertasse o leitor.” Esta nova escola, que rompe com as tradições literárias da Roma de antanho, tinha por chefe Públio Valério Catão e por asseclas Domício Marso, Licínio Calvo, Hélvio Cina, Tícidas, Cornifício e Fúrio Bibáculo. Estes modernistas tiveram um adversário decidido em Cícero, que irônicamente os apoda de *novi* ou *docti*, recomendando como modelos dignos de serem imitados os grandes poetas da idade áurea a literatura grega. Daí o atrito entre Catulo e o grande orador, que, como já salientámos, é hiperbólica e desdenhosamente qualificado o mais disertor orador romano de todos os tempos, mesmo dos tempos que estão por vir.

Nestas obras de imitação helenística surgem por vezes alusões ao seu caso psicológico, como no estranho poema intitulado *Atis*, que se inspira no culto orgiástico da deusa Cíbele, a Mãe Suprema, Nossa Senhora de Díndimo, em que os leões, que a deusa solta do seu carro, para capturarem *Atis* fugitivo, parecem simbolizar, como conjectura Grenier, a fôrça invencível, que prende o amante ao objecto da sua paixão.

Das três hipóstases fundamentais do poeta — a lírica, a satírica e a de prosélito da arte alexandrina, só a hipóstase lírica revela potente originalidade, embora por vezes na maneira de exprimir os seus sentimentos pessoais imite os poetas da escola eólia. Teve o condão de metamorfosear em eternidade o efémero da paixão amorosa. O su lirismo nada tem de convencional, como o do grande poeta Horácio, cuja arte requintada não deixa de encobrir certa frieza de sentimento, justamente por ser demasiado perfeita, por nela haver um severo equilíbrio entre a forma e a idéia, e este lirismo tem como fonte directa de inspiração a vida na sua variedade multiforme, nos seus aspectos dolorosos e nos aspectos enganosos duma felicidade puramente illusória. Catulo teve a intuição, porquanto o configurou no imperecível monumento das suas líricas, do profundo conceito de Goethe nas “Conversas de Goethe com Eckermann.” — “Tôdas as minhas poesias são poesias de ocasião, inspiradas e calcadas na verdade da vida.” Com efeito só é imortal, só resiste ao tempo, que tudo consome, aquilo que, exprimindo a realidade, é animado do sôpro da vida eterna da Arte.

\*  
\*       \*  
\*

Esta natureza poética, tão individualista, tão rica de originalidade, é bem a dum grande romântico de há dois mil anos. Por isso poetas do século 19, como Almeida Garrett, o meditaram, o estudaram e dêle receberam salutareos influxos. É no entanto singular que, tendo sido conhecido, tendo sido apreciado, tendo fornecido temas de inspiração poética, como já veremos, na época do Romantismo, não tenha até hoje encontrado na harmoniosa língua portuguesa um intérprete condigno, limitando-se todo o trabalho de naturalização dêste excelso poeta latino a escassíssimas traduções, que bem longe estão de reflectir todo o encanto e o *pathos* prodigioso da fonte original.

Em Garret, no grande Garrett, que traduziu frustemente — fôrça é confessá-lo — a ode a *Fabulo* — maravilha de espírito e de graça cintilante, são, em alguns carmes da sua lira de ouro, visíveis as influências catulianas. Garrett, que ocupa, por direito de con-

quista, na literatura do décimo nono século um lugar de singular relêvo, que, tendo recebido o seu baptismo poético nas águas lusitras do classicismo e tendo-se, ao depois, convertido ao Romantismo então triunfante na Europa, se fêz em Portugal paladino do novo credo artístico, produzindo obras imortais, tais como o “Frei Luiz de Souza”, o poema épico “Camões”, “As viagens na minha terra”, “As folhas caídas”, obras que serão lidas e apreciadas, enquanto se falar esta língua nobre e grave e ao mesmo tempo suave e meiga, sagrado património comum de todos nós portugueses e brasileiros, Garrett tinha certas afinidades de temperamento com o poeta veronense. Foi um devoto fidelíssimo, até aos seus dias finais, do culto de Afrodite, em cujos altares sacrificou, até mesmo para além da idade dos sonhos côr de rosa. A despeito do sangue nórdico que lhe corria nas veias, era, neste particular, bem meridional, bem português, *um portuguesinho valente*, como diria mais tarde Eça de Queiroz. E já na idade em que se começa a viver de recordações, em que é grato evocarem-se os dias alegres e despreocupados da juventude distante, na idade em que se fechou implacavelmente a porta ebúrnea da mocidade, êle continuava a cultivar o sonho senil de, com razão ou sem ela, se julgar amado, sendo assim o herói do mesmo romance tragi-cómico de que foram protagonistas os ilustres contemporâneos, Goethe e Chateaubriand. Êle, à semelhança de Catulo, bebeu até às fezes o cálice da paixão amorosa, mas no seu labor poético não se vislumbra algo que evoque os transe paroxísticos da estesia amorosa do vate latino, a não ser num número restrito de poesias, como no sublime poema — “Os cinco sentidos”, joia de inestimável valor da lírica portuguesa, em especial na última estrofe:

A ti! ai, a ti só os meus sentidos  
Todos num confundidos,  
Sentem, ouvem, respiram;  
Em ti, por ti deliram.  
Em ti a minha sorte,  
A minha vida em ti;  
E, quando venha a morte,  
Será morrer por ti.

Foi uma reminiscência de leitura catuliana que lhe sugeri a poesia n.º 15 do 2º livro da “Lírica de João Mínimo”, que tem por título “O beijo”, mas o tema não é idêntico. Nada há de comum entre as duas poesias, quanto ao conteúdo. No carne de Catulo trata-se realmente dos beijos inúmeros, sem conta, que os dois amantes na aurora primaveril do doce amor que os une, de facto

trocaram. Na poesia garretiana o tema central é o nascimento do beijo, quando o “Amor fagueiro”, filho da meiga Vénus aproxima “por divinal instinto”, a sua face da face da Mãe e a beija ternamente.

“Eis que súbito nascas,  
Filho ardente de Amor, de Vénus filho,  
Suavíssimo Beijo.”

Se não há aqui lugar de rememorar o pensamento de Goethe, que afirmava que a verdadeira originalidade consiste em repensar o que já foi pensado, em dar forma nova a idéias antigas, o que fazia dizer a Adolfo Coelho, nosso ilustre mestre na Universidade de Lisboa e um dos mais sagazes espíritos que ainda conhecemos, que a verdadeira originalidade só se encontra nos hospitais de doidos, se no caso vertente a poesia de Garrett não é uma variação sobre um tema catuliano, a verdade é que a gênese, a elaboração desta poesia tão delicada na sua graciosa leveza foi comandada pela leitura do poeta latino. O impulso inicial da criação artística provém das sugestões, que a “sinfonia dos beijos” lhe fornece, o que se pode comprovar pelo facto de, logo à guisa de proémio, estampar uma quintilha de Molevaut, que é uma amostra da tradução francesa da sobredita poesia:

Mêlons ces baisers, oh! ma vie.  
De leur nombre je veux douter,  
Et si souvent les répéter  
Que l'oeil courroucé de l'envie  
Désespère de les compter.

\*

\* \*

Há na nossa língua tão harmoniosa e de tão nobre altissonância uma palavra mágica, de suave melodia, de maviosa sonoridade, que nenhuma outra língua possui tão bela — a palavra saúde, que exprime à mrvilha todo o fundo sentimental e profundamente humano da nossa psique nacional.

“A saúde — di-lo admiravelmente D. Francisco Manuel de Melo — floresce entre os Portugueses por duas causas mais certas em nós que em outra gente do mundo, porque de ambas essas causas tem seu princípio. Amor e Ausência são os pais da saúde e, como nosso natural é entre as mais nações conhecido por amoroso e nossas dilatadas viagens ocasionam as maiores ausências, daí vem que donde se ache muito amor e ausência larga, as saúdes sejam mais certas e esta foi sem falta a razão por que entre nós habitassem como em seu natural centro.”

Todo o sentimentalismo da raça lusíada, que esta palavra tão impressivamente resume, já se acha expresso em documentos veneráveis da literatura medieval, tais como a bailada, que D. Sancho I consagrou a D. Maria Pais Ribeiro, a Ribeirinha, poesia ingénua na qual, como o nota a eminente filóloga D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, avultam os componentes essenciais da saúde portuguesa — o *cuidado* e o *desejo*:

Ai eu, coitada! como vivo  
en gran *cuidado* — por meu amigo  
que ei alongado! — muito me tarda  
o meu amigo na Guarda!

Ai eu, coitada! — como vivo  
en gran *desejo* — por meu amigo  
que tarda, e non vejo! — muito me tarda  
o meu amigo — na Guarda!

Êste sentimento nostálgico da saúde, que domina tôda a literatura poética de Portugal, encontrou um paladino estrênuo, na época romântica, em Almeida Garrett, que no 2.º livro da *Lírica* consagrou a êste tême melancólico a poesia, n.º 6 que assim começa:

Saudade! Oh saúde amarga e crua,  
    Numen dos ais, do pranto!  
Deusa que os corações sem dó, sem mágoa  
    Tão cruel dilaceras!  
Sinto, sinto o teu ferro abrir-me o peito.  
    E na chaga que abriste  
Rçoçar-me as tranças desgrenhadas, úmidas,  
    Que da pálida fronte,  
Sôbre os torvados macilentos olhos  
    Sôbre a face te descem.

E é sob a égide da *saúde* que abre o canto I do poema épico “*Camões*”

Saúde! Gôsto amargo de infelizes,  
Delicioso pungir de acerbo espinho,  
Que me estás repassando o íntimo peito  
Com dor que os seios de alma dilacera,  
Mas dor que tem prazeres — Saúde!  
Misterioso nume, que aviventas  
Corações que estalaram, e gotejam  
Não já sangue de vida, mas delgado  
Sôro de estanques lágrimas — Saúde!  
Mavioso nome que tão meigo soas  
Nos lusitanos lábios

Ao compor êstes primores poéticos, Garrett tinha presente no seu espírito de eleição a poesia n.º 2 de Catulo, alusiva ao pardal domesticado de Lésbia, e muito em especial três dos seus hendecassílabos:

Cum desiderio meo nitenti  
Carum nescio quid lubet iocari,  
Et solaciolum sui doloris

que assim traduziu:

Quantas saudades minhas a angustiam  
E acha não sei que gôzo no folgado  
Pequeno alívio para a dor que a punge.

Êstes versos latinos cita-os em nota ao canto 1.º do “Camões” e é com êles que preludia a poesia, que tem por título *Saudade*, que traduz por uma interpretação factícia o termo latino *desiderium*.

O sentimento de angustiante saüdade da terra natal de que todo o 1.º canto de “Camões” está impregnado evoca a melancolia dolorosa do *Atis* de Catulo, que nos bosques do Ida recorda a pátria distante, *patria genetrix*, terra-mater que abandonou, infeliz, como os escravos fugitivos abandonam os seus senhores.

\*  
\*       \*  
\*

Quando o Romantismo português entra em decomposição, pelo exagêro ridículo dos processos desta arte sem equilíbrio, visto que, como muito bem observou Hegel, o que caracteriza a arte romântica é o predomínio da idéia sôbre a forma, nada havendo nela que recorde o justo equilíbrio do cânone clássico, no Ultraromantismo, fase deliquescente da escola romântica, já em estado agônico, outro poeta, mas de fraca inspiração, mete ombros ao empreendimento de trasladar a português dois carmes do grande lírico latino. Mais novo 29 anos que o ilustre corifeu do Romantismo, êste poeta é pouco conhecido do grande público e teve existência cheia de imprevistos, sendo figura eminentemente representativa da sociedade portuguesa da época ultraromântica, pôsto que, transviado no tempo, só viesse a falecer longo em 1916, na propecta idade de 88 anos. Sendo empregado de escritório comercial, publicou em 1849 um poema heroi-cómico-satírico “As Comendas” — diatribe soez em que invectivava em versos insulsos e obscenos os comendadores e os candidatos às veneras, que enxameavam no Pôrto do-tempo, o que, concitando-lhe ini-

mizadas gerais, determinou a sua ida para Coimbra em cuja Universidade se matriculou, vindo a ser professor da Faculdade de Direito.

Tendo-se ordenado padre em 1870, foi feito bispo de Betsaida *in partibus infidelium* em 1881 e arcebispo de Calcedónia em 1905. Ficou imortalizado nos anais da hilaridade nacional pela sangrenta caricatura que Camilo Castelo Branco dêle traçou na “Queda dum Anjo”. Tendo falhado na empresa de escalar a montanha das Musas, Aires de Gouveia revelou-se no entanto orador de certo merecimento, mas as suas orações sagradas viviam sobretudo do calor, da vibração dramática, que o prègador lhes instilava, pois que era dotado de invulgares qualidades histriónicas.

As duas traduções catulianas do futuro príncipe da Igreja *in partibus* são obra da mocidade. Camilo na “Queda dum Anjo”, com aquele terrível azedume que o caracterizava, dizia do tradutor Libório de Meireles, máscara de António Aires: — “Foi para Coimbra; fez-se examinar e foi reprovado. Desde êste funesto dia da sua vida, Libório começou a dizer que era sábio em latim; e, por vingança dos examinadores, traduziu um poema latino com tanta clareza e fidelidade que o poema original ficou sendo muito mais inteligível aos ignorantes de latim do que a versão com que a memória de Lucrécio fôra deturpada”. É claro que nunca traduziu Lucrécio; os autores latinos que verteu, além de Catulo, foram Propércio e Tibulo, Horácio e Ovídio.

\*  
\*      \*

As três poesias de Catulo vertidas para português são escritas no mesmo metro uniforme — o hendecassílabo falécio, predilecto do poeta, visto como em 116 composições, que constituem tôda a sua obra literária, 42 são em hendecassílabos falécios, quando o autor para as restantes usou de metros variados. Se não foi o introdutor em Roma desta variedade da rítmica helénica, foi com segurança, juntamente com Licínio Calvo, um dos seus vulgarizadores mais zelosos.

Na sapiente opinião de Lafaye, “o hendecassílabo presta-se bem a pequenas composições, que oferecem como que uma miniatura da poesia mélica, do jambo e da elegia. Não sòmente a extensão da peça se acha assim reduzida a dimensões mais fracas, mas o andamento fácil e fluente do metro dá ao mesmo tempo a cada um dêstes géneros mais simplicidade que o não comportavam os metros que lhes eram affectados pelo uso. Enfim, qualquer que seja o assunto, é sempre admitida a expressão familiar e galhofeira, pelo menos de passagem”.

Tratando-se da transposição de metros duma língua de ritmo quantitativo como o latim para uma língua de ritmo acentual como é o português, o tradutor depara com um problema erriçado de perigos, quanto à sua solução. Como é que Almeida Garrett e Aires de Gouveia o resolveram? O primeiro com mais bom-senso, empregando o decassílabo; o segundo, levemente, usando para a “sinfonia dos beijos” do metro excessivamente ligeiro da redondilha menor e para a outra poesia, da redondilha maior. Eis as traduções literais dos carmes, começando pela ode a Fabulo:

“Hás-de-jantar bem em minha casa, ó meu Fabulo, com a graça dos deuses, se contigo trouxeres um grande e lauto jantar, não sem uma pequena de branca cútis e vinhos e ditos de espírito e todos os risos. Se tudo isto trouxeres, repito, há-de-jantar bem, ó caríssimo amigo. A bolsa do teu Catulo está cheia de teias de aranha, mas em compensação terás a quinta essência da amizade e alguma cousa de mais fragrante e de mais distinto se é que a há. Ora dar-te-ei um perfume com que as Vénus e os Cupidos brindaram a minha amada. Quando lhe aspirares o suave aroma, há-de-rogar aos deuses que façam que o teu corpo não seja mais do que um imenso nariz.”

Agora a tradução das duas poesias de amor:

“Gozemos a vida, minha Lésbia, e que tôdas as murmurações dos velhos quezilentos tenham para nós o valor dum asse. A luz do sol pode extinguir-se e renascer. Para nós, quando uma vez se apagar a breve luz da nossa vida, teremos de dormir uma só, uma única noite eterna. Dá-me mil beijos, depois cem, depois outros mil, depois cem uma segunda vez, depois ainda mil outros, depois cem. E depois, quando tivermos dado muitos, muitos milhares de beijos, perder-lhes-emos a conta, para que a não conheçamos, afim de que ninguém de coração perverso nos possa deitar mau olhado, ao saber que demos infinitos beijos.”

“Tu perguntas-me, minha Lésbia, quantos beijos teus me bastariam e me saciariam. Quantos os grãos de areia juncam na Líbia o solo de Cirene, fértil em láser entre o templo adusto de Júpiter e o sagrado sepulcro do mítico Bato, quantos os astros, que no silêncio da noite vêem os amores furtivos dos homens, assim tantos beijos teus bastariam e saciariam o teu Catulo no seu delírio e que os curiosos os não pudessem contar nem uma língua torpe os enfeitçar.”

Finalmente as traduções poéticas:

De Garrett —

Cedo comigo se lhe apraz aos nunes  
Mui lautamente cearás, ó Fabulo  
Se farta, boa ceia e generoso  
Vinho e mais galhofeiras bagatelas,  
(Sem que alva moça apetitosa esqueça)  
As trouxeres contigo: Sim, meu caro,  
Se as trouxeres, terás mui lauta ceia:  
Que o teu pobre, o teu mísero Catulo  
Tem às aranhas alugada a bôlsa;  
Em troca te darei pelos amores,  
Ou se mais guapa, mais suave que êles,  
Alguma coisa houver, dar-te-ei contente:  
Perfumes te darei, que à minha bela  
Deram Graças, e Amor, Cupidos deram:  
Tais, que ao provar-lhe o cheiro delicioso  
Aos deuses pedirás, Fabulo amigo,  
Que em nariz todo inteiro te convertam.

De Aires de Gouveia —

Do amor, minha Lésbia,  
Vivamos nas leis;  
Que os chascos dos velhos  
Não valem três reis.

O sol põe-se e volta  
Do mundo ao festim;  
A nós, vindo o ocaso,  
A noite é sem fim.

Oh! dá-me mil beijos,  
mais mil e mais cem;  
Mil outros, cem outros,  
Mais mil dar-me vem.

E, quando fizermos  
Já muito milhar,  
A conta devemos  
Depois transtornar.

Tal soma de beijos  
Convem não saber;  
Podia invejar-nos  
Um tolo qualquer.

Preguntas-me, Lésbia, quantos  
beijos teus me fartarão?  
Olha a Líbia: tantos, tantos,  
quantas areias estão  
entre o templo a Jove adusto  
e o sepulcro a Bato augusto,  
na pirétrica Cirena:  
ou do céu quantos fulgores  
contemplam em noite amena  
de homens furtivos amores.  
Para fartar seus desejos,  
com tantos e tantos beijos  
te quer Catulo beijar,  
que nem possam numerá-los  
curiosos, nem daná-los  
das más línguas o contar.

\*  
\*       \*  
\*

A versão de Garrett, se bem que superior às de Gouveia, não é contudo perfeita, tendo versos mal metrificados como o 2.º e revelando no seu conjunto uma frouxidão, que os aproxima da verdadeira prosa. Muito mais feliz foi nas traduções de Horácio e dos líricos gregos.

Das versões de Aires de Gouveia a primeira tem graves erros de interpretação, sendo o pensamento original bastante deturpado; a segunda escapa, ainda que o epíteto *pirétrica* para *Cirene* seja arbitrário. É a tradução do adjetivo latino *laserpicifer*, que parece ser adaptação do gr. *σιλφιοφόρος*, rica em *laser* ou *sílfio*, ou *sílfio cirenaico* — *σίλφιον Κυρηναϊκόν*, produto farmacológico muito em voga na antiguidade, que era extraído da planta botanicamente designada por *Ferula Silphium* segundo a classificação recente do grande botânico suíço Thellung (1), planta pertencente à família das *umbelíferas* e não o píetro — *Pyrethrum cinerariifolium*, que pertence à família das *compostas*.

Na “Sinfonia dos beijos”, o verbo *vivamus* significa *gozar a vida*, sentido que possui na língua familiar e na língua popular, como se colige de outro passo de Catulo — 61,233 — *Coniuges, bene vivite* — em que *bene vivite* se pode considerar uma fórmula de cumprimento, a expressão nítida dum voto: — *Sêde felizes* —,

---

(1) Obsequiosa informação do meu ilustre colega da Universidade, o grande botânico, Prof. Felix Rawitscher.

mas que é possível também interpretar por: — *Aproveitai, gozai bem a vida*. Este sentido, que já dissemos ser peculiar à língua popular e à língua do diálogo, nota-se no “Satiricon” de Petrónio em dois passos característicos, a saber, — XXXIV — *Ergo vivamus, dum licet esse bene*, e — XLIV — *Illud erat vivere*. Ainda em Varrão, apud Nónio, 156 — *properate Vivere, pueræ, . . .* E em Marcial II, 90 — *quod propero pauper nec inutilis annis, da veniam: properat vivere nemo satis*.

É absurdo traduzir como Gouveia: — *Vivamos nas leis do amor*, quando o que está no texto é bem claramente: — *Gozemos a vida e amemo-nos*.

A palavra *rumores* do 2.º verso tradú-la por *chascos*. Nunca na língua latina esta palavra comportou tal sentido. No penúltimo verso, sem nenhum respeito pela verdade, traduz *malus* por *tolo*, o que é verdadeiramente imbecil.

De resto a poesia contém belezas intraduzíveis. Assim, no verso 6.º, tanto o ritmo próprio como o som *a* que se repete, representam à maravilha, como o comentador inglês Robinson Ellis argutamente observou, a eternidade do sono “que não conhece nenhuma pausa”. É este um verso, que pela cadência grave e majestosa se pode pôr em paralelo com o verso 54 da *Electra* de Eurípides — Ὡ νύξ μέλαινα, Χρυσέων ἀστρῶν τροφέ luminoso como as noites consteladas da Grécia e sombrio como as suas trevas, no dizer de Masqueray.

Como conclusão, temos de reconhecer que este poeta, que tão pujantemente encarnou o génio latino, apenas exerceu uma influência muito vaga e difusa num dos maiores poetas do Romantismo português e devemos salientar que sobretudo não teve, até ao presente, na língua de Camões e de Bilac quem o interpretasse convenientemente. Isto, a despeito da existência duma tradição de esplêndidas traduções latinas, como a das “Geórgicas” de Vergílio admiravelmente realizada por António Feliciano de Castilho e das notáveis versões garretianas a que já aludimos.

Está ainda por se revelar o poeta de superior talento ou mesmo genial, que emparelhe com o estro catuliano, dando numa transcrição moderna as mesmas notas de emoção suprema, que através de dois milénios conservaram todo o frescor original e todo o poder de vibração eterna, que perpassou na alma do grande lírico latino.

Faculdade de Filosofia  
Ciências e Letras  
Biblioteca Central

## PRINCIPAL BIBLIOGRAFIA:

*Texto:* Edições catulianas de Robinson Ellis, G. Lafaye, Ettore Stampini, F. Simpson, C. Pascal e outras.

## ALGUMAS OBRAS CONSULTADAS:

Catulle et ses modèles — *G. Lafaye*

Cicéron et ses amis — *G. Boissier*

Commentary on Catullus — *R. Ellis*

Obras completas de Almeida Garrett — Ed. de *T. Braga*

Criticisms and Elucidations of Catullus — *Munro*

A Saudade Portuguesa — *C. M. de Vasconcelos*

Versões de Tibulo, Catulo e Propércio — *Aires de Gouveia*

Camilo e António Aires — *Ricardo Jorge*



INDÚSTRIA GRÁFICA  
JOSÉ MAGALHÃES LTDA.  
Rua Spartaco, 215  
SÃO PAULO — BRASIL